

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.

Tiragem: 400 exemplares

Depósito Legal: 366919/13

ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



TEATRO ROMANO DE OLISIPO: A MARCA DO NOVO PODER ROMANO

Lídia Fernandes / Coordenadora do Museu do Teatro Romano de Lisboa (Câmara Municipal de Lisboa) / Arqueóloga. Mestre em História de Arte / lidia.fernandes@cm-lisboa.pt

RESUMO

A edificação do teatro nos inícios do séc. I d.C. inaugurou uma nova realidade urbanística na antiga cidade de *Olisipo*. A escolha do local para a construção deste edifício, situado a meia encosta de uma colina de acentuado declive, obrigou a um ambicioso projecto de engenharia e uma profunda contenção da encosta. A criação de terraços, ou plataformas, na vertente a sul do teatro, vencendo um acentuado desnível, obrigou à remoção de um enorme volume de terra e a uma cuidada planificação da construção. Um sábio aproveitamento dos recursos naturais e uma solução construtiva engenhosa foram factores decisivos para a transformação deste monumento cénico numa marca emblemática da cidade de *Olisipo*.

ABSTRACT

The construction of the theater at the beginning of the first century AD, ushered in a new urban reality in the ancient city of *Olisipo*. The choice of location for the construction of this building, situated in the slope of a very steep hill, forced an ambitious engineering project and deep slope containment. On the south side of the theater, terraces or platforms were created to overcome the sharp slope, forcing the removal of a huge soil amount and a careful planning of the construction. A wise use of natural resources along with an ingenious constructive solution were, undoubtedly, determining factors for the transformation of this building into an iconic landmark in the city *Olisipo*.

INTRODUÇÃO

A intervenção arqueológica levada a cabo na parte sul do monumento cénico foi suscitada pela criação, em 2001, do Museu do Teatro Romano. O facto de este museu englobar vários edifícios, abrangendo uma vasta área, levou a que, ainda no decurso das obras de adaptação, se realizassem campanhas arqueológicas no local.

Passado mais de uma década do início daqueles trabalhos, finalizados em 2011, pensamos poder apresentar algumas conclusões quer sobre o tipo de ocupação que este local sofreu, quer sobre as soluções de engenharia que possibilitaram a edificação do teatro neste preciso local – actualmente na confluência entre as ruas de S. Mamede e da Saudade – nos inícios do séc. I d.C. (Figura 1).

O encerramento do Museu do Teatro Romano por um período de cerca de nove meses¹, destinado à implementação da “2^a fase do Projecto de Recuperação e Valorização”, prevê igualmente a integração dos

vestígios arqueológicos colocados a descoberto de forma a possibilitar a sua fruição pública.

O enorme volume de informação que fomos recolhendo ao longo de múltiplas campanhas de escavação, abrangendo contextos cronológicos muito mais amplos que o do próprio monumento cénico (genericamente desde a Idade do Ferro até ao séc. XIX) permitem a formulação de ideias mais claras sobre a evolução histórica deste local antes e depois da edificação do teatro romano.

1. A ÁREA DE IMPLANTAÇÃO

Localizada junto à foz de um rio navegável, *Olisipo* desde cedo tirou partido desta situação privilegiada. O relevo acentuado promoveu a defesa natural

1. O Museu do Teatro Romano foi encerrado no dia 2 de Maio de 2013 e prevê-se a sua reabertura para inícios do próximo ano.

do local e a criação de hierarquias construtivas definidas pela proximidade/afastamento em relação ao rio. O substrato geológico, de enorme variedade, favoreceu o seu aproveitamento, recorte e hábil utilização, no alicerçamento de edifícios ou como matéria-prima.

O elevado número de achados de cronologia sidérica registados junto à zona ribeirinha (entre outros Bugalhão, 2001), evidencia uma ocupação intensa de toda a orla costeira, mas que se estende, de igual modo, na zona de encosta, o que é comprovado pelos achados detectados na área intervencionada junto ao *postcaenium* do teatro, no interior do Museu do Teatro Romano (Fernandes & Corrado, no prelo) - os quais também apresentamos neste encontro - ou ainda nas imediações do mesmo, como aconteceu na intervenção arqueológica, realizada em 2009, no Pátio do Aljube (Fernandes & *alii*, no prelo), na Rua de S. Mamede nº 15, (Pimenta, Silva & Calado, no prelo) ou na Sé de Lisboa (Amaro, 1993). Em 2010, na parte sul do pátio do Museu do Teatro Romano (nº 3-b da Rua de S. Mamede), exumaram-se, a uma profundidade superior a 9m (c. 32m c.a.) dois fornos de produção cerâmica, enquadráveis nos sécs. III/II a.C. (Fernandes & Corrado, no prelo), assim como algumas estruturas de época republicana (Figura 2).

Estes achados, evidenciam um intenso aproveitamento do subsolo. As estruturas, escavadas no substrato argiloso, demonstram que a vegetação pré-existente foi intensamente aproveitada, certamente utilizada para a laboração dos próprios fornos, não tendo sido registado qualquer indício paleobotânico. Estas estruturas negativas, levaram à criação de sumários patamares na encosta, a qual evidencia acentuado declive, de forma a aproveitar o terreno a meia encosta, sobranceiro ao rio.

Sobrepostas a estas estruturas e responsáveis pela sua desactivação, foram registados alguns muros em pedra vã que enquadraram cronologicamente no séc. II a.C. pelos materiais cerâmicos então recolhidos. Posterior a todas as estruturas mencionadas, uma outra, de maiores dimensões, sobrepõe-se, aproveitando também a rocha.

A edificação do teatro de *Olisipo* foi responsável pela destruição de todas as construções que acabamos de mencionar. Uma vez que se encontravam escavadas no afloramento, a edificação do teatro mais não fez que as absorver na própria construção.

2. OS TRABALHOS INICIAIS DA CONSTRUÇÃO

Podemos hoje admitir que os primeiros trabalhos de construção do teatro se iniciaram pela realização de um ambicioso projecto de engenharia que determinou as necessárias soluções para a concretização da ideia de edificação de um teatro em tão acentuada pendente. A ideia, ou projecto, é prévia e responde ao objectivo do investimento, o qual, em nossa opinião, terá que provir, obrigatoriamente, do poder central ou de um seu directo representante, em situação muito próxima da que encontramos em *Emerita Augusta* onde o teatro é mandado fazer por Marco V. Agripa (Álvarez Sáens de Buruaga, 1982, p. 311).

Significa isto que, antes da verdadeira edificação do edifício cénico, foi a encosta sul que atraiu as principais preocupações dos arquitectos/engenheiros, sendo o local onde se verificaram os primeiros trabalhos de engenharia.

A opção de construir um tão grande edifício numa encosta virada a sul e não em sítio plano, mostrando evidente oposição aos preceitos vitruvianos (Livro V, Cap. III), leva a considerar que profundas fundamentações informaram tal opção. Apesar de não conhecermos com precisão o paleosolo deste local, estamos em presença de um desnível topográfico com cerca de 16 m, que se desenvolve numa dimensão de quase 22 m entre a parte central do edifício cénico e o *decumanus* que, possivelmente, se localizaria próximo do traçado da actual R. Augusto Rosa (Mantas, 1997, pp. 25-26).

As várias campanhas arqueológicas desenvolvidas na parte sul do teatro, em área abrangida pelo museu dedicado ao monumento, assim como as levadas a cabo no pequeno largo defronte da fachada do museu, junto à Rua Augusto Rosa (Fernandes, Sepúlveda & Antunes, 2012, pp. 44-55), permitiram a obtenção de novos dados e o registo de múltiplos vestígios, possibilitando novas interpretações. Com efeito, partindo do edifício cénico e não da análise individual das estruturas detectadas desde 2001, podemos estabelecer uma visão de conjunto e um entendimento do faseamento da obra e amplitude do projecto de engenharia.

3. O SISTEMA DE ENGENHARIA

A primeira estrutura que surgiu nas intervenções arqueológicas iniciadas em 2001 – aquando das obras

de adaptação dos edifícios pombalinos a Museu do Teatro Romano – foi a enorme estrutura do *postcaenium*. Tendo surgido a pouco mais de 20cm do pavimento actual, esta estrutura conserva, em alguns locais, mais de 9m de altura. Apresenta um comprimento total de quase 21m² tendo sido atingido o seu limite na parte nascente. O seu prolongamento por baixo do actual edifício pombalino, mostra claramente que foi reutilizado para o assentamento das fachadas com frente para a Rua de S. Mamede nsº 3-a e 3-b. Esta pré-existência condicionou, assim, as opções arquitectónicas e urbanísticas até aos nossos dias, uma vez que a parte mais elevada da R. S. Mamede coincide precisamente com a implantação do *postcaenium* (Fernandes & Almeida, no prelo) e, igualmente, com a fachada cénica.

Esta estrutura emprega de forma sistemática o *opus caementicum*, com recurso à pedra local, o biocalcarreno (coloração bege/amarelada), também observável no interior do edifício cénico: degraus da *immacula cavea*; infra-estruturas superiores que suportariam as restantes bancadas; enchimento do *aditus maximus* nascente (face norte). Nestes locais, a rocha é aproveitada, servindo simultaneamente de “cofragem” para o enchimento da restante área com *opus caementicum*. A utilização de cal viva na argamassa pos-sibilitou uma maior rapidez construtiva. Por outro lado, a areia empregue neste aparelho é essencialmente quartzítica, oferecendo um maior poder de agregação. O emprego deste cimento de excepcionais qualidades foi generalizado no teatro de *Olisipo*. Na estrutura do *postcaenium* foi também empregue o *opus quadratum* e *incertum*. Com efeito, observam-se simultaneamente estes sistemas ainda que empregues em áreas específicas. O primeiro é utilizado no cunhal da estrutura do lado nascente (o único exumado) onde se observam *in situ* cinco fiadas de cantarias, dispostas alternadamente em face/testa, numa altura conservada de quase 3m. Na parte poente desta estrutura, outros três locais apresentam estas cantarias, funcionando como “contrafortes”: um no limite poente da área intervencionada, mantendo quatro fiadas de silhares (o maior com uma dimensão de 1,30mX0,46m) numa altura de c. 3,5m, outro por baixo da actual parede pombalina com 4,5m de altura conservada e por fim, um outro, próximo do cunhal acima referido com 2,50m (Figura 3).

2. Deste comprimento 8,76m foram identificados em 2001 e a dimensão restante exumada entre 2005 e 2006.

Estes “contrafortes” apresentam uma largura mais ou menos constante de cerca de 1,50m (cerca de 5PR) ainda que o distanciamento entre si não seja constante³. Esta enorme construção, com uma largura de 4,50m (15,2 PR), possuía no seu interior espaços ocos, criando compartimentos que poderiam ser utilizados para guardar adereços das encenações ou para qualquer outro fim. A existência destes espaços rectangulares vazios agilizava esta estrutura, e permitia o aproveitamento da sua área interna (Figuras 4 e 5).

Curiosamente, foi numa destas áreas que, no séc. XII se implantou uma unidade habitacional, aproveitando-a e escavando, no *opus caementicum*, um silo (Fernandes, Coroado & Calado, 2012, no prelo).

Para além desta enorme estrutura, a continuação da escavação na zona do pátio do museu⁴ permitiu exumar uma outra, também conservada numa altura superior a 9m e que se implanta na zona sul do pátio por baixo do actual terraço. Este enorme muro pode ser atribuído aos sécs. XVI/XVII na sua parte superior mas o seu embasamento, conservado em cerca de 4m de altura, é claramente romano, coevo da construção do *postcaenium*, do qual dista para sul, cerca de 5,46m (18,5 PR) (Figura 6).

Este enorme muro prolonga-se para nascente e poente, não tendo sido possível, no primeiro sentido, encontrar o seu limite uma vez que outras estruturas, de cronologia posterior, adossam à sua face (Figura 7). Na direcção poente esta estrutura ultrapassa a área do pátio (prolonga-se subjacente à casa pombalina), tendo sido reaproveitada como parede de uma habitação do séc. XVII, à semelhança, aliás, do que aconteceu com o *postcaenium* o qual constitui a parede norte dessa mesma habitação.

Temos, assim, duas estruturas, sensivelmente paralelas entre si que têm por função a contenção da colina e a criação de plataformas artificiais entre si. A intervenção arqueológica permitiu concluir por esta funcionalidade uma vez que a totalidade dos depósitos encontrados – exceptuando os níveis republicanos e da Idade do Ferro identificados na parte mais profunda deste espaço, junto à rocha – correspondia

3. Temos de poente para nascente, afastamentos de 22PR (6,60 m), 25PR (7,30 m) e, por último e até ao cunhal desta estrutura, 12PR 1/2 (3,70m), medidas estas tomadas do eixo, num total de quatro “contrafortes” visíveis até o momento.

4. Zona expectante onde se localizava o antigo jardim da casa pombalina.

a uma deposição secundária, ou seja, a uma reposição artificial do terreno.

Outro aspecto interessante, e voltando aos sistemas construtivos identificados, é o facto de se observar na parte inferior destes dois muros romanos, um sistema construtivo distinto dos anteriormente analisados (*opus caementicum*; *opus incertum* e *opus quadratum*). Falamos de fiadas, quatro no total, sensivelmente horizontais e regulares, com uma altura que varia entre os 50/60cm, compostas por *opus caementicum* muito grosso e que foi colocado em fiadas sucessivas, deixando secar a anterior, sendo que as linhas de junção são perfeitamente visíveis. Esta estrutura foi construída de sul para norte, não tendo sido identificada qualquer vala de fundação, tendo-se apoiado directamente no afloramento rochoso.

O facto de o teatro de *Olisipo* se ter implantado numa zona de acentuada inclinação obrigou, para além do reforço do seu alicerçamento, à criação de uma área que permitisse a edificação de outras infraestruturas de apoio ao monumento.

Não sendo possível tecer considerações fundamentadas em relação ao real aproveitamento desta plataforma, a provável existência de um peristilo e de um templo, possivelmente de culto ao imperador, são hipóteses não despiciendas, sobretudo se compararmos com idênticas soluções em edifícios cénicos do Império Romano.

Se, pelos dados arqueológicos não é possível obter mais informações, a análise do edificado e a arqueologia da arquitectura são vertentes pelas quais enveredámos e que facultam novas interpretações para algumas das soluções adoptadas a sul do teatro.

Com efeito, se analisarmos o actual Museu do Teatro Romano, edificação sobre a qual por diversas ocasiões nos debruçámos (entre outros: Fernandes & Almeida, no prelo) quer no que respeita à sua configuração interna e implantação, é obrigatório correlacionar estes dados com os obtidos pela arqueologia. As relações a estabelecer devem abranger as estruturas de época romana, acima sumariamente descritas, mas também as referentes à época moderna e destruídas pelo terramoto de 1755.

Tendo estas premissas como pressuposto, pensamos ser bastante verosímil o facto de o pequeno corredor que ocupa longitudinalmente a parte norte do interior do museu⁵ poder corresponder a um troço de um criptopórtico. Esta interpretação permite justificar a actual organização interna do museu o qual, apesar

de corresponder a uma reedificação pós terramoto, foi reerguido sob o antigo edifício do Celeiro da Mitra que aqui existia. Este celeiro, pertença da Mitra, apesar de não ter sofrido grandes danos em 1755⁶, foi reconstruído de forma a que a sua fachada fosse realinhada com os novos arruamentos, acentuadamente mais largos, o que aconteceu igualmente com o edifício do Aljube, localizado a poente (Fernandes, Almeida & Loureiro, no prelo).

A proposta que agora apresentamos - ainda que pequena ausência de vestígios que a malha urbana e as catástrofes naturais foram absorvendo - toma por base o edificado e tenta perceber de que modo este evoluiu e se metamorfoseou. A ideia de um criptopórtico permite explicar como o teatro se implantou numa vertente tão inclinada, solução arquitectónica que não seria estranha em *Olisipo*, já que se encontram registados um na actual Rua da Prata, sendo o possível embasamento do fórum corporativo ou mercantil de que falava José d'Encarnação (1973, pp. 4-6) e Cardim Ribeiro (1994, pp. 75-95) e outro, a nascente, nos antigos “armazéns Sommer” (Gomes & alii, 2004).

Se explanarmos esta solução verificamos que a mesma se adequa perfeitamente ao espaço construído existente e, em simultâneo, à modulação definida por Vitrúvio em relação ao teatro romano. A planificação do desenho, inteiramente regular em planta mas dificilmente perceptível no terreno pelo ruído introduzido pelas inumeráveis edificações que foram aproveitando o teatro, permite observar uma coincidência de implantações fruto, não de justaposições casuísticas, mas que respeitam pré-existências marcantes que subjazem no imbricado do tecido urbano.

O efeito cenográfico do conjunto decerto marcou a cidade, solução arquitectónica que, descendendo dos exemplos do Campo de Marte em Roma, se repetiu e diversificou nos teatros construídos nas províncias, com paralelos próximos, apenas mencionando a *Hispania*, com *Bibilis*, *Sagunto*, *Medellín* ou *Málaga*.

5. Com uma largura de 2,70m (c. 9 PR) e cujo muro que estabelece a separação com a sala do museu possui uma espessura de 0,90m (3 PR).

6. O Tombo de 1755 refere claramente que “o celeiro e o Aljube ficaram de pé e habitados” (fl. 24) (*Cópia do Tombo da Cidade de Lisboa em 1755*...).

BIBLIOGRAFIA

BARROS, Luís; CARDOSO, João Luís; SABROSA, Armando (1993) – Fenícios na margem sul do Tejo. *Economia e integração cultural do povoado de Almaraz – Almada. Estudos Orientais*. Lisboa. 4, pp. 143-181

BUGALHÃO, Jacinta (2001) – *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo: núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

CALADO, Marco (2008) – *Olisipo pré-romana: um ponto da situação*. Lisboa: Apenas.

Cópia do Tombo da Cidade de Lisboa em 1755, que está no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, feita sobre uma cópia do mesmo tombo, da letra de José Valentim de Freitas; que está na Associação dos Arqueólogos, por João Marques da Silva, em Junho de 1894. Museu da Cidade (Texto Policopiado).

ENCARNAÇÃO, José d' (1973) – Criptopórtico romano no subsolo de Lisboa, em plena Baixa. *Jornal da Costa do Sol [Cascais]*, 01-09-1973, pp. 4-6.

FERNANDES, Lídia (2007) – Teatro romano de Lisboa – os caminhos da descoberta e os percursos da investigação arqueológica. *Al-madan*. Almada. IIª Série. 15, pp. 27-39.

FERNANDES, Lídia; SEPÚLVEDA, Eurico; ANTUNES, Márcio - (2012) Teatro Romano de Lisboa – sondagem arqueológica a sul do monumento e o urbanismo de *Olisipo*. *Al-madan*. IIª Série. 17. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. p. 44-55.

FERNANDES, Lídia; PINTO, António Nunes (2009) – Sobre um bronze zoomórfico do teatro romano de Lisboa. Consagração de um monumento ou ocupação ancestral de um espaço. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12: 1, pp. 169-188

FERNANDES, Lídia; COROADO, João (no prelo) – Novos dados sobre a ocupação pré romana do teatro romano de Lisboa: proveniência das produções cerâmicas dos sécs. IV e III a.C. (campanha arqueológica de 2010). In *8º Encontro de Arqueologia do Algarve A Arqueologia e as outras Ciências* (Silves, 21-23 Outubro 2010).

FERNANDES, Lídia; PIMENTA, João; CALADO, Marco; FILIPE, Victor (no prelo) – Ocupação sidérica na área envolvente do teatro romano de Lisboa: o Pátio do Aljube. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 15.

FERNANDES, Lídia; COROADO, João; CALADO, COS-TANTINO, Chiara (no prelo) – Ocupação medieval islâmica no Teatro Romano de Lisboa: o caso do aproveitamento do *postcaenium* no decurso do século XII. In *X Congresso Internacional Cerâmica Medieval no Mediterrâneo* (Silves, Outubro 2012).

GOMES, Ana; GASPAR, Alexandra; PIMENTA, João; VASCONCELOS, António; MENDES, Henrique; GUERRA, Sandra; PINTO, Paula; RIBEIRO, Susana, (2004) – Primeiros resultados da intervenção arqueológica nos armazéns Sommer (Lisboa). Comunicação apresentada ao *IV Congresso de Arqueologia Peninsular* (Faro, Setembro de 2004).

MANTAS, Vasco Gil (1997) – Olisipo e o Tejo. In *Actas do IIº Colóquio Temático Lisboa Ribeirinha* (Padrão dos Descobrimentos, 2-4 Julho 1997). Lisboa: Ed. CML, pp. 15-41.

PIMENTA, João; CALADO, Marco; LEITÃO, Manuela (no prelo) – Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa. A intervenção da Rua de São João da Praça. In *Actas 6.º Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*, 26 de Setembro a 1 de Outubro de 2005 (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).

PIMENTA, João; SILVA, Rodrigo Banha da; CALADO, Marco (no prelo) – Sobre a ocupação pré-romana de *Olisipo*: a intervenção arqueológica urbana da rua de São Mamede ao Caldas n.º 15. In *Actas 6.º Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*, 26 de Setembro a 1 de Outubro de 2005 (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).

RIBEIRO, J. Cardim (1994) – Felicitas Iulia Olisipo. Algumas considerações em torno do catálogo *Lisboa Subterrânea. Al-madan*. Almada. II série, 3, pp. 75-95.

ÁLVAREZ SÁENZ DE BURUAGA, J. (1982) – Observaciones sobre el teatro romano de Mérida. In *El teatro en la Hispania Romana*. Madrid. pp. 303-31.

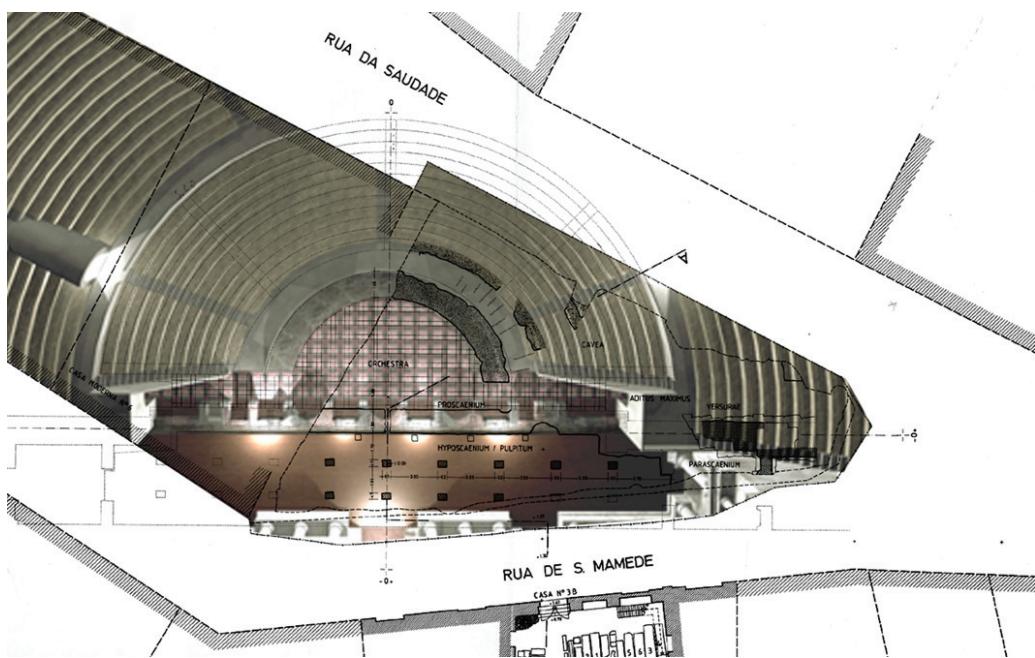


Figura 1 – Localização do teatro romano na planta actual da cidade de Lisboa, com a reconstituição da parte do interior do edifício cénico descoberto na década de 1960.



Figura 2 – Perspectiva de poente para nascente da área do pátio – Museu do Teatro Romano (R. S. Mamede nº 3-b). Em primeiro plano o afloramento rochoso onde se alicerça o *postcaenium* (estrutura do lado esquerdo da imagem) e do lado direito, as estruturas da Idade do Ferro e republicanas.

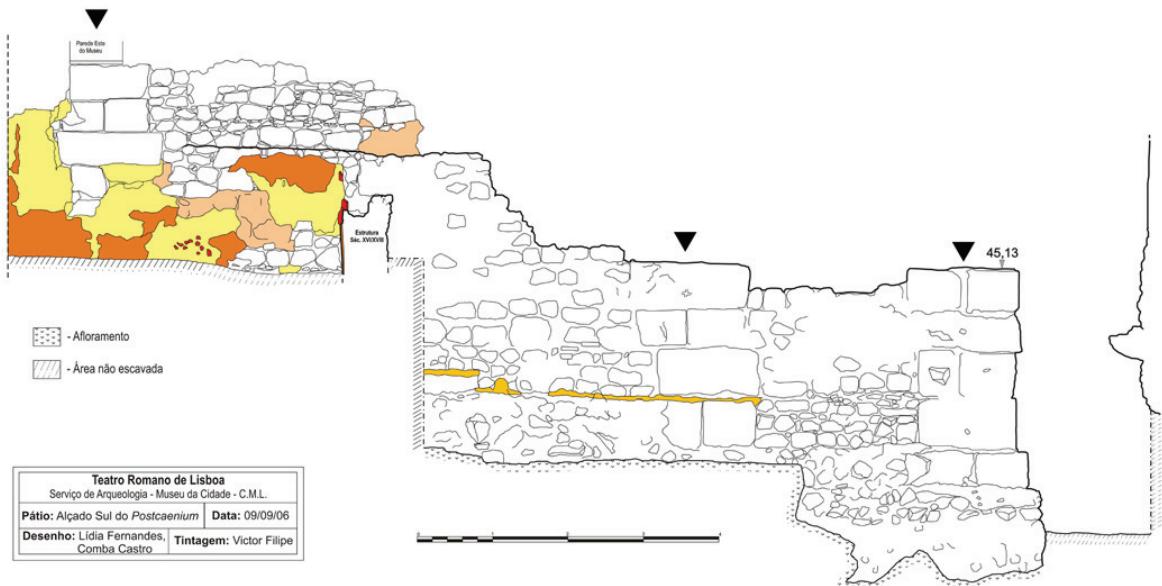


Figura 3 – Levantamento gráfico da face sul da estrutura do *postcaenium*, ainda com os rebocos (a cores) de época moderna. Área escavada em 2005. As setas indicam a localização dos “contrafortes” em *opus quadratum*.



Figura 4 – Perspectiva de nascente para poente observando-se o interior do *postcaenium*. Todos os muros e o pavimento são realizados em *opus caementicum*. Ao fundo, um dos contrafortes que emprega o *opus incertum*.

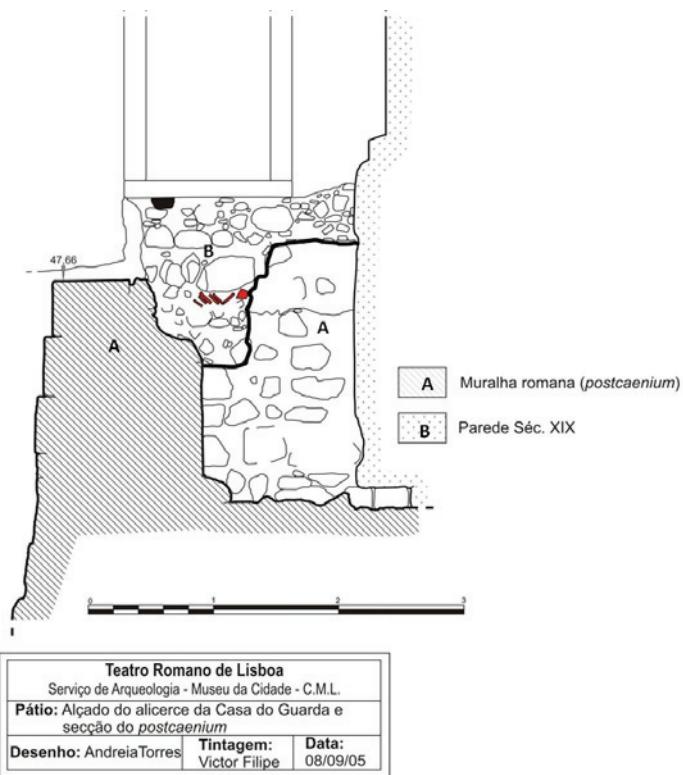


Figura 5 – Desenho da parede de topo da imagem anterior com a indicação dos dois tipos de aparelho.

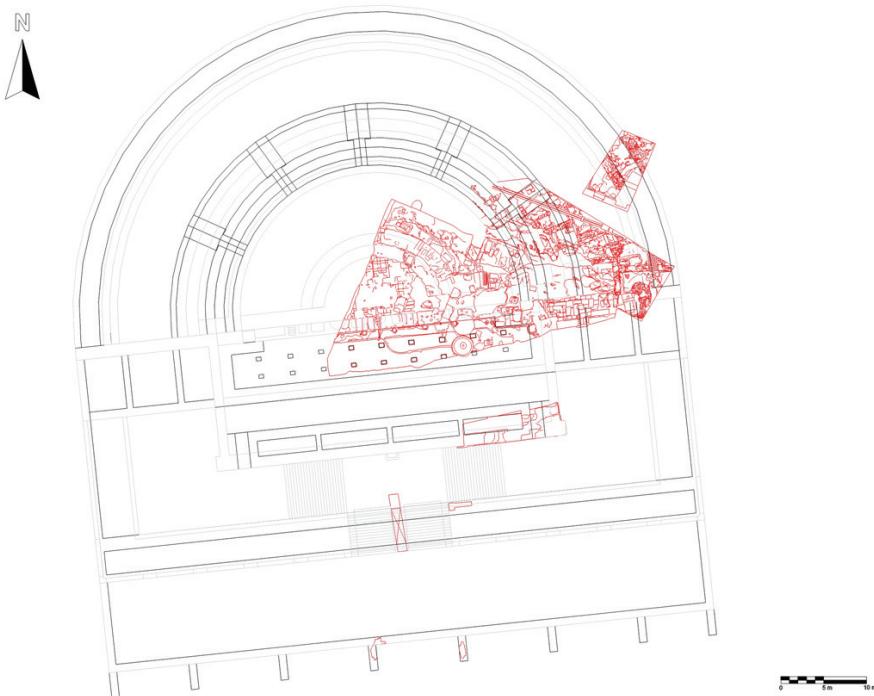


Figura 6 – Planta de reconstituição do teatro romano com representação das estruturas arqueológicas detectadas e das métricas do edifício. (Desenho de Carlos Loureiro, Museu da Cidade, C.M.L.).



Figura 7 – Muro de contenção a sul do *postcaenium*. O traçado indica o limite do muro de época moderna (parte superior) e, inferiormente, a estrutura romana.

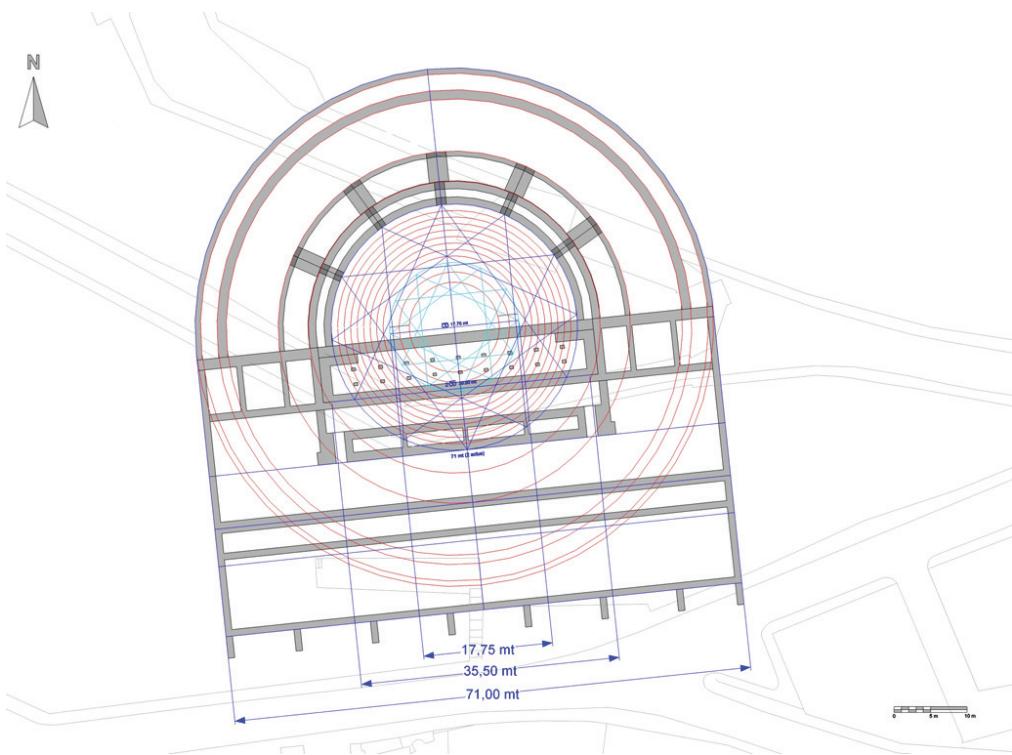


Figura 8 – Planta de reconstituição do teatro romano e da parte sul: *postcaenium* e estruturas de acesso. Está também representada a planificação vitruviana. Os muros rectilíneos posicionados mais à direita correspondem às estruturas de contenção do terreno referidas no texto e às detectadas no interior do actual Museu do Teatro Romano. (Desenho de Carlos Loureiro, Museu da Cidade, C.M.L.).

